

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo.

v 11, n. 2

CINELÂNDIA: TERRITÓRIO DE SOCIALIDADE, MOVIMENTOS POLÍTICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

Cibele Mariano Vaz de Macedo¹

Regina Gloria Nunes Andrade²

Não há lugar onde o Rio seja mais carioca que a Cinelândia. Agitação, diversidade de tipos, mistura de gente de tantas procedências, comércio, cinema, teatro, música para todos os gostos, política de todas as tendências, boemia de todas as horas, arte, cultura, arquitetura. O mundo.

João Máximo

Resumo

As cidades, ao redor do mundo possuem lugares de identificação. Lugares que sustentam a hipótese de que características convergem para que espaços se definam como territórios de socialidade e influenciem os processos de subjetivação. Escolhida como objeto deste artigo, a Cinelândia foi palco de momentos significativos na história sócio-política e cultural do Rio, e está sendo considerada justamente um destes territórios de socialidade. O território foi entendido como espaço geográfico, apropriado por meio de processos dinâmicos e mutáveis; espaço do vivido, agregando caracteres políticos e culturais. A socialidade, refere-se à propensão do sujeito de *querer-viver* social, a busca do outro pelo prazer de comunicar-se, estabelecendo vínculos sem finalidade. Então, propôs-se o conceito de *território de socialidade*: o território se torna laço; a circulação e a existência em torno dele permitem trocas de socialidade. Utilizou-se a narrativa como método visa

1 Doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora Associada ao Núcleo de Relações Raciais: memória, identidade e imaginário da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia/Psicossomática da Universidade Ibirapuera-SP.

2 Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

o acesso aos sentimentos dos sujeitos e à experiência cotidiana. Um roteiro de entrevista semiestruturado foi utilizado para entrevistar 15 pessoas. A análise dos dados deu-se pela análise da enunciação, que concebe a comunicação como um processo e a narrativa como palavra em ato. Buscou-se a compreensão do significado da narrativa, conectada ao tema abordado e a sua própria produção. Destacam-se três entrevistas, representativas de movimentos sócio-políticos e culturais de resistência. Assim, a Cinelândia é tudo: lugar de passagem, de trabalho, de lazer, de abandono, de manifestação, plural, híbrida e em constante (re)construção e território de socialidade a partir relações de troca.

Introdução

As cidades, das pequenas vilas às metrópoles, possuem lugares, ruas ou praças que as identificam. Basta pensar na Torre Eiffel, em Paris, na Avenida Paulista, em São Paulo, no Canal Grande, a principal *Avenida* de Veneza, na Praça Venceslau, em Praga, ou nas ruas de pedras da Cidade de Goiás. Cada um desses lugares contém parte significativa da história da cidade em que se localiza e, ao mesmo tempo, atravessa os processos de subjetivação de quem ali vive.

A cidade do Rio de Janeiro não é diferente, e alguns dos seus famosos monumentos estão de tal forma ligados a sua história cultural que não se pode mais imaginá-los separados: Pão de Açúcar, Corcovado, Baía da Guanabara, Praia de Ipanema e Cinelândia, por exemplo, são parte da alma carioca.

Este artigo, derivado de uma tese de doutorado, parte da hipótese de que algumas características convergem para que certos lugares de uma cidade se definam como territórios de socialidade e influenciem os processos de subjetivação das pessoas que neles convivem.

Para tanto, considerou-se que os processos de subjetivação se dão a partir das relações estabelecidas entre o sujeito e o outro, localizados em territórios específicos, e que, em função de tais relações, eles passam a ser mais propícios ao exercício da socialidade. Assim, de forma recíproca, os sujeitos formam o território e o território forma os sujeitos.

Entende-se o conceito de território, tal como proposto por Sodré (1988), no livro *O terreiro e a Cidade*, como espaço geográfico, apropriado por meio de processos dinâmicos e mutáveis; espaço do vivido, agregando caracteres políticos e culturais, onde diversas relações sociais se estabelecem sob aspectos reais, funcionais e simbólicos. Nesse sentido, funciona como suporte no qual a sociedade se qualifica em base histórica, na memória e nas experiências dos sujeitos e dos grupos que por ali transitam e coexistem.

Sobre o conceito de socialidade, definido por Maffesoli em várias de suas obras, especialmente em *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia* (2005), ele é aqui apreendido como a propensão do sujeito de *querer-viver* social, a busca do outro pelo prazer de comunicar-se, estabelecendo vínculos sem finalidade ou utilidade. A socialidade expressa-se por diferentes formas de interação, de *estar-junto*, de associar-se alegremente em relações harmônicas, solidárias ou lúdicas, que escapam ao controle social rígido e se caracterizam pelo relativismo do viver cotidiano.

Tomando por base as definições de território e de socialidade, é aqui proposto o conceito de *território de socialidade*, ao considerar-se que alguns espaços apresentam características peculiares, que os diferenciam de outros e os tornam mais propensos para o exercício da socialidade entre os sujeitos. Neles, o território se torna laço; a circulação, a movimentação e a existência em torno dele o tornam depositário de trocas de socialidade. Dessa forma, outra hipótese aqui defendida é a de que a Cinelândia constitui-se enquanto um território de socialidade, propício ao exercício de movimentos políticos, sociais e culturais.

A Cinelândia, oficialmente Praça Floriano Peixoto teve seu processo de construção, de florescimento e de transformação do uso do território e subsequente declínio, em consonância com processos semelhantes vivenciados, em paralelo, pela Cidade do Rio de Janeiro. Desde a época do Largo da Ajuda, a Cinelândia tem atraído pessoas que encontram ali o ambiente propício para ser e ter voz, queixando-se à “mãe do Bispo” ou manifestando reivindicações de alguma causa política ou cultural.

Palco de momentos significativos na história cultural e política da cidade do Rio de Janeiro, a Cinelândia foi escolhida como objeto deste estudo porque conserva, desde sua origem, no Brasil colônia, e, em especial, na Primeira República, a característica de manter-se sempre viva em significado para aqueles que, de alguma forma, ali se encontram.

Além disso, a Cinelândia mantém-se como espaço inebriado pela *magia*, devido à atração exercida pela variedade de características ambientais: projetos arquitetônicos suntuosos (Theatro Municipal, Museu de Belas Artes, Câmara de Vereadores, entre outros), ponto de ligação entre vários bairros da cidade, lugar de concentração político-cultural, cinemas, teatros e cafés; enfim, por mais que o tempo tenha passado e a áurea mágica da Cinelândia não possua mais o mesmo encantamento da metade do Século XX, essa Praça continua a exercer atração.

A cidade e seus territórios

A multiplicidade, a diversidade e a coexistência sempre deram cor à cidade. Desde a Antiguidade, a imagem da cidade reflete o diverso, local onde se experiencia o múltiplo. Caracterizada por suas mais diversas atividades culturais e seus monumentos, a apreensão da cidade passa pela percepção das formas de movimentação dos sujeitos entre espaços, códigos e mundos de orientações singulares. Sua compreensão, segundo Lefebvre (2001), é recente e exige reflexão teórica, ação prática e imaginação, a fim de abarcar suas especificidades e fenômenos urbanos, em sua enormidade e complexidade.

A cidade encontra-se no meio das conexões que se dão entre a proximidade das relações sociais dos sujeitos, a formalidade da ordem instituída do Estado, a cultura e seus conjuntos significantes e os códigos éticos, morais e jurídicos. Para Lefebvre (2001, p. 7), a reflexão capaz de compreender a cidade em seu caráter complexo deve partir “na direção da entrada para a prática de um direito: o direito à cidade, isto é, à vida urbana, condição de um humanismo e de uma democracia renovados”. Uma reflexão que entende que a cidade constitui-se no sentido e na finalidade da industrialização e que está em constante (trans)formação.

Estendendo seu conceito, Lefebvre (2001) acredita que qualquer reflexão sobre a cidade precisa considerar igualmente o processo de industrialização, responsável pelas grandes transformações sociais e por caracterizar a sociedade moderna tal qual é concebida na contemporaneidade. O processo de industrialização vem contextualizar a realidade urbana e de sua problemática, abrangendo questões relativas à cidade, ao seu crescimento e planificação e também às de cultura e de lazer.

A cidade constitui-se enquanto espaço de coexistência, ao mesmo tempo, da natureza, da cultura e da diversidade peculiar de cada um desses aspectos. Cada sociedade constrói seu modo específico de estar-junto, e a cada dia novos territórios simbólicos são reinventados, assim como novos territórios de existência material ressignificam o estar-no-mundo.

A organização da vida social da cidade, marcada pelos grupos que inscrevem suas histórias em determinados lugares, está imbricada com a natureza dela e, por isso, chama atenção daqueles que pretendem compreender a complexidade do funcionamento e das trocas ali realizadas, principalmente em sociedades marcadamente multiculturais como a do Rio de Janeiro.

Fundada em primeiro de março de 1565, a cidade do Rio de Janeiro foi a capital do Brasil entre os anos de 1763 e 1960. Até a década de 1950, foi a mais populosa do País, concentrou as principais indústrias e atraiu imigrantes brasileiros e estrangeiros. Entretanto, a par do progresso que a caracterizava, em meados do século XIX, ainda conservava os traços de uma cidade colonial.

Foi assim que o Rio de Janeiro desenvolveu-se: típica colônia do império ibérico, inspirada em Lisboa, com sua baía dando forma natural aos portos e fortificações, e cuja povoação, iniciada com a expansão das capitâncias hereditárias, era constituída por índios nativos, portugueses e africanos escravos. Somente com o fim das capitâncias hereditárias é que foi fundada, oficialmente, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1567. Por dois séculos, sua economia baseou-se na caça da baleia e no beneficiamento de seus derivados.

Em 1808, a chegada da família real portuguesa desencadeou longo processo de transformações sociopolíticas. A chegada da Corte encontrou o Rio de Janeiro

em meio às reformas da vida social e ocasionou outras tantas mudanças em determinados espaços públicos, ampliando usos e promovendo diferenciações, como as diferenças sociais que se evidenciaram a partir desse período.

Em 1821, um ano após a independência do Brasil e treze anos após a chegada da família real, o Rio de Janeiro foi descrito por Abreu (2008) como uma cidade modesta, ainda com feições coloniais, cuja área urbana se restringia ao que atualmente corresponde às regiões administrativas do Centro e Portuária.

Encurralada entre mar e montanhas, de clima quente-úmido e pouca circulação de ventos, a Cidade era considerada inóspita e insalubre. Paiva e Sodré (2004, p. 76) relatam que ela “cresceu, roubando espaço às águas e subindo morros” – fato que evidencia o quanto as condi es espaciais lhe influenciaram no funcionamento econ mico e social da Cidade e provocam uma trama complexa entre território, socialidade e subjetividade.

Em meados do século XIX, passou por um processo de expansão que afetou sua geografia, sua história e suas redes de socialidade. Conforme Abreu (2008) destaca, o Rio de Janeiro, beneficiado por a es do poder público, passou a ter calçadas com paralelepípedos nas ruas da área central, ilumina o a gás e serviços de esgotos sanitários, sendo a quinta cidade do mundo a contar com tais serviços.

Momento em que a vida urbana recebeu destaque, a burguesia do País ascendeu e surgiu a no o de privado, que concedeu valor   intimidade familiar e ao conforto da casa. Instaurou-se, na época, uma oposi o clara entre o espaço da rua e o doméstico, bem como a socialidade esperada pelo sujeito nos dois ambientes. A consequência dessa diferencia o, segundo Leitão (2009), foi a constru o de uma sociedade segregada e excludente desde os tempos coloniais até a contemporaneidade.

Ao final do século XIX, sua economia assistiu   propaga o das fábricas, ao fim da escravidão, ao declínio do café e a um crescimento populacional impulsionado pela chegada de estrangeiros, principalmente italianos, espanhóis e portugueses. A burguesia carioca e os governantes empenharam-se no projeto de urbaniza o da cidade, inspirados nos processos de moderniza o deflagrados em outros grandes centros, especialmente os europeus. Costa (2005) ressalva que as

classes dirigentes seguiam a tendência da burguesia francesa, e cobravam dos administradores uma cidade limpa, bela e livre da sujeira e dos maus hábitos dos habitantes. Para atender tal demanda, foram empreendidas grandes reformas urbanas e de costumes.

O Rio de Janeiro, desde seus primórdios, constituiu-se como uma cidade polifônica, como elucidam Paiva e Sodré (2004, p. 17): “Os gênios dos lugares e dos bairros podem agrupar-se em datas festivas ou em ritos de calendário, mas geralmente falam com vozes diferentes em suas caprichadas demandas”.

A socialidade sempre foi um marco da cidade. Paiva e Sodré (2004, p. 86) acreditam que essa *vocação* cultural esteja relacionada ao fato de o Rio de Janeiro nunca ter sido, de fato, uma cidade industrializada, “com grandes fábricas e usinas capazes de preencherem a paisagem com chaminés enfumaçadas”, ou seja, a cidade soube aproveitar sua singularidade cultural transformando-a em negócios.

Inserido na história do Rio de Janeiro, o território da Cinelândia, desde a Primeira República, ocupa o imaginário do carioca de diferentes formas, mas sem nunca ter perdido a característica de marco histórico, agregador social e território de troca de socialidade. A modernidade carioca deu-se na Cinelândia, em seu território foram expostas inovações tecnológicas, que vão da energia elétrica ao cinema; lá foram discutidos e exibidos os comportamentos esperados de um cidadão cosmopolita, que foram sendo reproduzidos em diferentes partes do País.

A Cinelândia teve sua formação como território de socialidade deflagrada pela construção da Avenida Central e pelo sonho de um espanhol, Francisco Serrador, de construir uma cidade de brinquedo. Os dois eventos transformaram o antigo Largo da Mãe do Bispo no território cultural e político de maior destaque da República, durante o início do Século XX até a metade, por volta dos anos de 1950.

A Cinelândia, também conhecida como Bairro Serrador, pode ser pensada como uma cidade dentro da Cidade do Rio de Janeiro, pois, em vários momentos, sua história se confundiu com a história da terra carioca. Um microcosmo de multiplicidades, muitas cidades em uma mesma cidade, como Máximo afirma, “a cidade menor [a Cinelândia] é maravilhosa. E complexa, também. Iluminada, sonora,

festeira, boêmia, febril, povoada por gente interessante e marcada por comédias e dramas, alguns difíceis de se crer” (MÁXIMO, 1997, p. 37).

A Cinelândia sempre foi um território aberto, de muitas causas, de todos os partidos, de muitos personagens que lá estão há décadas e de tantos outros que vêm e vão com certa fugacidade. Sempre impregnada da História, de muitas histórias. “Mudou o bairro, mas não mudou de toda a sua *aura*. Porque a Cinelândia continua inspirando poetas da canção e da calçada” (MÁXIMO, 1997, p. 197).

A Cinelândia, mais do que qualquer outro local da Cidade do Rio de Janeiro, evidencia que os espaços públicos são os territórios de socialidade por excelência, um caldeirão no qual quase tudo, para não dizer tudo, cabe, e onde a diferença constitui fator de integração e de enriquecimento de sentidos e significados.

Construída aos pés no Morro do Castelo, a Cinelândia fez parte da fundação da Cidade, por todo seu período colonial, e foi o espaço escolhido pela República para simbolizar os novos tempos de modernização. “Desde a Ágora da Atenas antiga até os nossos dias, uma das funções da praça pública tem sido a de mesclar pessoas e diversificar atividades” (LIMA, 2000, p.195). A Praça foi, desde sempre, carregada de sentidos e representante de vários momentos políticos, econômicos, culturais e sociais.

Metodologia

Para realizar a presente pesquisa, cujo método privilegia a narrativa, intenta-se viabilizarem-se reflexões, a fim de elucidar a sinuosidade das relações sociais, analisadas em torno do cotidiano e da vivência e consideradas enquanto resultado da atividade humana criadora e afetiva. Destacando sempre o caráter dinâmico e em constante transformação das sociedades, aborda, ainda, aspectos estruturais das relações e as visões que os atores sociais projetam dessas relações.

Tomando por base a importância de se contextualizar o conhecimento, a pesquisa reflete o interesse pelo território da Cinelândia, onde é possível observarem-se diversas facetas das problemáticas da cidade. Tal perspectiva envolve a necessidade de assumir a implicação do pesquisador com seu campo de

pesquisa e também com seus entrevistados; não há neutralidade quando se trabalha com o sujeito em seu território. Daí, a postura do pesquisador ser a de um coletador de experiências, que deseja compreendê-las.

Nessa abordagem de pesquisa, a subjetividade é fundante de sentido, constitutiva do social e inerente ao entendimento do objeto. Utilizada como técnica em Psicologia Social, a narrativa parte do princípio de que há uma relação estreita entre a sua própria estrutura, construída durante a entrevista, e a estrutura da experiência. Pela narrativa, que remonta à sequência de eventos passados, pode-se recapitular a experiência vivida.

[As narrativas são] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1998, p. 269).

A utilização da narrativa como técnica de pesquisa em Psicologia Social visa a obter acesso aos sentimentos atribuídos aos sujeitos e à experiência deles no cotidiano. A narrativa, como técnica de pesquisa, está diretamente relacionada à estrutura da experiência, que objetiva a reapropriação de eventos que ocorreram e as lembranças que se têm deles.

Cada sujeito tem sua história pessoal, mas, à medida que ele não recorre a ela e à sua perspectiva de futuro, entender quem ele é e por que é de uma determinada forma e não de outra se torna pouco compreensível. Desse modo, as narrativas articulam passado, presente e futuro: ao narrar uma experiência, o sujeito além de fazê-lo sob a ótica do presente, pode também projetar experiências para o futuro. Durante as narrações, surgem novos acontecimentos e reflexões que podem transformar perspectivas anteriores. Passado e futuro encontram-se no presente como fundante e como projeto. Assim, trabalhar com narrativas permite que sujeitos comuns articulem suas experiências em diferentes tempos e tornem-se protagonistas de uma história construída em torno da memória, de adaptações, de ambiguidades e também das contradições daí decorrentes.

Cabe destacar que o uso de narrativas liga-se diretamente à subjetividade, por ser uma pesquisa do vivido e por envolver o sujeito e a narrativa de suas experiências ao longo da sua história. Amatuzzi (2006) esclarece que, se há

objetividade na pesquisa com narrativas, essa “decorre da intersubjetividade (o consenso) e do senso crítico (dar conta dos pressupostos envolvidos)” (AMATUZZI, 2006, p. 96). Outra característica da narrativa é trazer à tona múltiplas versões da história oficializada, dado que novas histórias são elaboradas, a partir da perspectiva do sujeito que narra.

Durante o processo narrativo, o passado, o presente e o futuro são articulados. Quando os sujeitos revelam experiências e eventos, podem não só relatá-los e recontá-los sob o olhar do presente, como também projetar atividades e experiências para o futuro. No ato de narrar, novos acontecimentos propiciam reflexões inéditas sobre as experiências vivenciadas e conduzem a reformulações de perspectivas precedentes.

Utilizou-se a entrevista, entendida enquanto processo dialógico entre pesquisador e entrevistado, em contato direto, no qual se assume a interferência mútua na construção da narrativa-alvo da pesquisa, isto é, o entrevistado só diz o que diz porque o pesquisador lhe perguntou. Embora a entrevista se inscreva no aqui e agora, ela não se esgota no tempo presente, pois resulta da integração da experiência do sujeito. Paralelamente aos tempos da narrativa, integram-se a ela não somente a oralidade, mas o silêncio, o gestual, a própria expressão facial, interjeições, pausas e até lágrimas – aspectos registrados e analisados como parte dela.

A importância da construção da narrativa revela-se na relação de objetividade dos fatos; contudo, leva-se sempre em conta a subjetividade que os produziu. A objetividade fica por conta do foco central, que aborda um tema específico – a relação do sujeito com o território da Cinelândia –, fazendo assim um recorte e regendo o caminho que a narrativa seguirá.

A entrevista revela seu caráter social, por evidenciar as diversas versões possíveis de um mesmo acontecimento, por promover interpretações do fenômeno abordado, por ligar o evento em si à lembrança que se tem dele, sem que isso seja algo que deve ser desconsiderado ou descartado; pelo contrário, essa é a maior contribuição da entrevista: promover o debate entre opiniões diferentes.

Um roteiro de entrevista semiestruturada foi elaborado, objetivando a expressão da subjetividade, das recordações e da apropriação de sentido da experiência vivida. Pretende-se, com isso, construir um texto com as narrativas e também um vídeo. A entrevista foi utilizada como um instrumento que orienta uma “conversa com finalidade”, que pretende promover a abertura, a ampliação e o aprofundamento da comunicação. Tal técnica permitirá que os entrevistados discorram mais amplamente sobre sua história na Cinelândia. O contexto foi semelhante ao de uma conversa informal, de maneira a permitir que relatos mais livres pudessem ser expressos.

Verificou-se, sob a ótica dos entrevistados, a relação com o território da Cinelândia e as consequências daí decorrentes em sua subjetividade. Pretendeu-se obterem-se dados que se referiam diretamente aos entrevistados: atitudes, valores, opiniões e a localização no seu tempo histórico, como forma de suscitarem-se a reapropriação de eventos ocorridos e as lembranças que se têm deles. Trabalhar com a construção de narrativas permite que sujeitos comuns se tornem protagonistas de uma história específica, construída a partir da memória, de adaptações, de ambiguidades e contradições inerentes a todo ser humano.

Participantes: Onze pessoas que possuem alguma relação com a Cinelândia, que trabalham ou frequentam, foram escolhidas, aleatoriamente ou por indicação de conhecidos em comum. Após terem sido apresentadas à proposta da pesquisa, foram entrevistadas. Houve ainda seis conversas informais. Para esse artigo serão destacadas três entrevistas, que apresentam relação direta com a temática discutida. Os nomes dos entrevistados são fictícios para preservar o anonimato dos mesmos.

Procedimento: Em seguida ao primeiro contato, a proposta da pesquisa foi apresentada e, a critério da pessoa, foram agendados dia, horário e local para a entrevista, que foi filmada, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nos termos da Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ, em acordo com o Parecer COEP 056/2011.

Análise de dados: A análise de conteúdo dos dados obtidos foi realizada sob a ótica da análise da enunciação (MYNAIO, 2009), que concebe a comunicação como um processo e a narrativa como palavra em ato. Na produção da palavra

produz-se também um sentido. A narrativa abarca momentos de criação de significados, que admitem incoerências e distorções próprias dos sujeitos. Com a análise da enunciação, pretende-se alcançar a compreensão do significado de cada narrativa, numa conexão entre o tema abordado e a produção da própria narrativa. Os dados devem ser sempre refletidos, discutidos, ressignificados e apropriados no e pelo grupo, na tentativa de transformá-los em conhecimento e autoconhecimento, tanto para o grupo quanto para o pesquisador.

As narrativas dos entrevistados encerram a história pessoal de cada entrevistado, seu encontro com a Cinelândia e os desdobramentos desse encontro. Cabe ressaltar que as narrativas a respeito da Cinelândia foram construídas pelos sujeitos, a partir de referenciais culturais próprios, historicamente datados; dessa forma, evidenciou-se a subjetividade de cada um, construída coletivamente, tal qual discutido até aqui.

Discussão dos Resultados

Há nas narrativas um sentimento maior ou menor de pertencimento à Cinelândia cuja forma de expressão perpassa pelo trabalho, pelas lutas e resistências e também pela contemplação, anunciando as múltiplas vivências cotidianas, que tecem laços sociais espontâneos. A escuta das narrativas torna possível perceber que a Cinelândia tem, como escreveu Bosi (2003, p. 74), “não só uma fisionomia como uma biografia”. As narrativas percorrem a história cultural e política do local, sua transformação ao longo do tempo e seus diferentes sentidos e significados.

Todas elas tecem uma colcha de retalhos que torna a Cinelândia um território de socialidade, ao mesmo tempo particular e múltiplo. Benjamin (1994) havia escrito: “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 1994, p. 213).

Cabe ainda uma breve apresentação sobre os entrevistados e o contexto das entrevistas. Quando o projeto da Tese foi aceito, uma colega da universidade disse-me que, se eu iria estudar a Cinelândia, ela teria uma pessoa para indicar, a mãe de uma amiga, que trabalhava na Cinelândia há muitos anos, a Ana. Fiquei com o

contato guardado e, quando iniciei, Ana foi a primeira pessoa com quem entrei em contato. Ela se mostrou disponível e, rapidamente, marcamos a entrevista. Através dela, conheci a Leila, uma das organizadoras de um bloco de carnaval que acontece na Cinelândia, ela também entrevistada para Tese.

Ana é carioca, nascida em Madureira, viúva, mãe de dois filhos. Hoje, com setenta e nove anos, mora na Lapa e trabalha como manicure num salão de beleza, localizado na Cinelândia há cinquenta e quatro anos. A conversa se deu no salão onde ela trabalha. Ana sentada na sua cadeira de trabalho, e eu em uma cadeira de barbeiro. Começamos falando sobre as características do cabelo, os efeitos da umidade e o “cabelo bandido, aquele que é agressivo, preso ou querendo fugir”, segundo Ana.

Na ocasião, fui convidada pela Ana para ir ao samba que acontece uma vez por mês no Beco da Cirrose. Lá, conheci a Leila, carioca, professora e uma das organizadoras do Bloco Carnavalesco, descrito por ela como um projeto de resistência cultural, que há seis anos une pesquisadores, historiadores, gente de movimento social, movimento popular, movimento sindical e várias frentes partidárias de esquerda, para desenvolverem pesquisas, oficinas, resgate do movimento de rua e shows populares com a divulgação de compositores.

Outra colega da universidade, ligada à militância carioca, apresentou-me à **Ludmila**, mineira de nascimento, criada em Volta Redonda, moradora, juntamente com outras quarenta e duas famílias, de uma Ocupação na Rua Alcindo Guanabara, na Cinelândia, desde 2007. Uma das líderes do Movimento Nacional de Luta pela Moradia, Ludmila trabalha em favor do direito à moradia e refere-se à escolha de ocupar um prédio abandonado na Cinelândia como forma de tornar-se pauta do Estado, por chamar a atenção do poder público e pelo fato de a Cinelândia ser território de constantes manifestações. Também explicita seu desejo de denunciar o esvaziamento de povo e, conseqüentemente, da vida em torno da Cinelândia, desde quando Centro da cidade foi transformado somente em local de trabalho.

Ludmila narra também a relação de convivência com a Cinelândia. Para ela, ainda não é do jeito que ela gostaria que fosse, embora as crianças da ocupação

aproveitem a Praça como espaço de lazer. Ela, ainda hoje, surpreende-se com o fato de estarem janela com janela com os vereadores da Cidade.

Não é do jeito que eu achava que deveria, ainda. Mas tem coisas assim... É a praça do bairro, é a praça de casa, na verdade. Então, onde é que se anda de bicicleta? É aqui. As crianças, não raras vezes que você vai chegar à noite, e eles vão estar brincando de correr na escada da Câmara, jogando bola, e andando de bicicleta. É o lugar que tem pra andar de bicicleta. Isso é usado duas, três vezes na semana. Um ótimo lugar. Duas, três vezes na semana as crianças estão aí na praça andando de bicicleta, jogando bola, brincando de pular a escadaria da Câmara. E coisas que eram tão fechadas pra nós, assim pra nós minha geração, lá atrás. Um mito. E agora as crianças. A gente, às vezes, se dá conta disso e acha muito engraçado os vereadores ali na janela. A nossa janela dá de frente pra janelinha deles aqui. Então, assim, a praça é a praça, que é a praça do meu bairro. 'Se essa rua fosse minha'... A praça é nossa.

Além disso, Ludmila narra as modificações, tanto nas políticas públicas quanto na frequência de pessoas aos finais de semana, que ela observa na Praça desde a chegada das quarenta e duas famílias na Ocupação. Também aborda as consequências, nem sempre positivas, dessa maior movimentação na Cinelândia.

Mudou muito, tem mudado muito, tem mudado. Acho que tem muita coisa acontecendo, tem uma política sistemática também do governo, para pedir revitalização do Centro, eu não sei se ele imagina, se ele quer realmente toda essa pobreza de volta para o Centro. Acho que ele não quer nada disso. Tem uma política direcionada pra que o capital volte a circular nos finais de semana no Centro do Rio. Esta é a política institucional, só que, para o capital voltar a circular, o consumidor tem que está aqui, e o consumidor, o povão, está voltando para o Centro. E, aqui no nosso pedaço, aqui da Cinelândia, nós fizemos um pouquinho assim, um grãozinho de areia a gente fez, porque, desde que a gente veio pra cá, nós começamos a abrir a Casa de Samba, lá embaixo, a gente começou a abrir aos sábados, começamos a abrir para o almoço, aos domingos. E as pessoas, nem que seja no começo só à esquerda, que vinha, mas foi gerando um movimento. A nossa presença aqui fez inclusive o pessoal do curso aqui começar a funcionar no domingo. Tem um curso preparatório para concurso aqui. A nossa presença aqui acabou encorajando, eles não vão admitir isso nunca, tinha quase um ano que a gente estava aqui quando o curso começou a funcionar no domingo, e o restaurante do lado abriu domingo. Porque quem servia feijoada, e as coisas domingo, éramos nós. E o restaurante aqui do lado, o Pilão de Pedra, começou a abrir aos domingos, e começou a gerar um pouco mais de movimento. Nós começamos a fazer umas mobilizações culturais junto com os meninos do Movimento do Cinelândia, não sei se você já ouviu falar. E aí os meninos do Dulcina, da luta que é pra reabrir o teatro do Dulcina. Então, tinham ocupações na rua aqui, ocupação cultural na rua, éramos nós e os meninos do Cinelândia, os ensaios eram aqui, a meninada era daqui, a gente tem algumas fotos aí de algumas loucuras que nós fizemos com eles, está aberto o teatro hoje do Dulcina. Então, isso movimentava aos sábados, e aos domingos, e hoje não é mais a mesma

coisa não. O Centro, hoje, é bem povoado, é povoado com a nossa característica mesmo. Talvez isso seja ruim pra o governo na Copa e na Olimpíada, porque como está muito povoado, inclusive aumentou a população em situação de rua, aumentou os meninos mesmo de rua, coitadinhos dos bichinhos que estão aí na rua, usuários de droga, e aumentou assalto, aumentou turismo, aumentou tudo. Tem uns aspectos da mudança e do aumento que o governo não gosta mesmo. Os bancos da praça, você pode ver hoje, quando a gente ocupou os bancos da praça não tinham aquela divisória. Não sei se você já percebeu.

As histórias de Ludmila rompem com a impressão que se tem, por parte de alguns cariocas, de a Cinelândia ser palco de manifestações políticas com dia e hora marcados, de duração efêmera. Ela traz fatos que dizem justamente o contrário: ali se desenvolvem atos políticos diários, cujos moradores e comerciantes da área são protagonistas, além de simpatizantes das causas. Esses movimentos abarcam de sutis matizes – desejo de volta ao glamour do passado, com resgate de memória, medo de lidar com a força policial, alegria de brincar e andar de bicicleta na Praça, esperança de revitalização do espaço de cultura – a ações de enfrentamento (ocupação de prédios, transformação da rua em dormitório) quanto à política de revalorização do bairro “Centro”, empreendida pelo Governo, por meio de restaurações e de eventos públicos.

No meio dessa disputa, há perdas e ganhos de ambos os lados, mas os moradores lutam para não saírem de cena: promovem feijoada aos domingos, incentivam a abertura do curso e dos restaurantes, chamam clientela. Surpreendem-se de conviverem lado a lado, com seu adversário estratégico, o Poder Público na figura dos vereadores que estão janela com janela com a Ocupação.

De forma semelhante à Ocupação de Ludmila, apesar da proposta completamente diferente, o projeto do bloco carnavalesco surgiu, segundo a narrativa de Leila, a partir do desejo de um grupo de amigos que queriam promover eventos de resistência cultural para impulsionar o resgate da Cinelândia como território de socialidade.

O bloco carnavalesco, já vai completar seis anos [em 2013], em setembro do próximo ano. Na verdade, foi uma ação entre amigos, todos voluntários, todos que queriam ter um trabalho de resgate da Cinelândia enquanto ponto de cultura e movimento social. E, assim, a gente começou a desenvolver o trabalho com o propósito de revitalizar a Cinelândia, resgatar o movimento

de rua, os shows populares, e com isso a gente estabeleceu o beco da cirrose e o bar Escadinha como a nossa sede, a nossa organização e, nesses seis anos, a gente vem desenvolvendo esse trabalho. No projeto, além de pesquisa, todo o conjunto de participantes são: pesquisadores, historiadores, gente de movimento social, movimento popular, movimento sindical e várias frentes partidárias de esquerda, que entendem que não dá pra regradar ou regularizar a ação da sociedade enquanto construção de cultura, e é assim que a gente vem se movimentando. Nesse último ano, a gente instituiu uma homenagem especial através de certificado para todas as personalidades que trabalham em função do movimento de cultura popular e de defesa do samba de raiz pra serem prestigiados aqui no nosso evento. A gente realiza essa atividade uma vez por mês, quase sempre, porque, às vezes, tem um feriado ou outro atrapalha, no segundo sábado de cada mês, e trazemos convidados, como hoje, onde a gente tá reunindo o samba, o chorinho, dentro do mesmo projeto. Temos oficinas, oficinas de instrumentos, oficinas de percussão, oficina literária, oficina de poesia, várias atividades que são integrantes do projeto e o bloco é um dos projetos, ele sai toda quarta-feira que a gente chama de brasas que é antes da quarta-feira de cinzas, aqui nesse local e assim a gente tem funcionado. Legal? É isso, o trabalho nosso é esse, e tem sido isso. É por agregação, quem chega gosta fica, não tem sócio, não tem nada, tudo é feito por doação pra reverter pra o bloco, ninguém recebe nenhum tostão, quem integra só faz a reunião de pessoas e de recursos. Essa é a nossa proposta.

Pode-se observar que a trajetória política de Ludmila, alimentada desde a infância, eclodiu, justamente, naquele território, onde se reúnem, sem atos mutuamente excludentes, grupos étnicos, classes sociais, artes variadas; enfim, manifestações culturais de diferentes propósitos. Com isso, ela avançou nas suas propostas não só quanto aos planejamentos detalhados para o sucesso das empreitadas, como também quanto à inserção dos companheiros na causa, de forma consciente. É como se ela tivesse partido de um impulso íntimo, ação individual, para ampliar seus territórios e traçar objetivos direcionados à coletividade.

Única moradora da Cinelândia, entre os entrevistados, Ludmila narra que o processo de escolha da Ocupação na Cinelândia se deu em função do que a Praça significa para a história de lutas democráticas travadas na Cidade.

E aí por que a gente escolheu a Cinelândia? A Cinelândia eu acho que está na raiz da subjetividade, do imaginário até de quem não é do Rio de Janeiro e vem no Rio de Janeiro de vez em quando. As pessoas falam: Candelária não... é... aquela que tem uma escadaria... Sabe? Então, é um marco na cabeça de todo mundo, mesmo sem ler muito, sem saber da história toda, o que representou isso daqui. Todos os atos políticos que a gente vinha fazer, (nós do estado vínhamos fazer), acabávamos na Cinelândia. O Amarelinho fazia parte de todas as conversas, então é muito difícil de explicar o que representa a Cinelândia, ela faz parte da vida de todo mundo, do imaginário de todo mundo, da cabeça de todo mundo. O povo do Estado do Rio de

Janeiro, gente que nem se lembra de ter vindo no Rio de Janeiro, mas a Cinelândia é um marco na cabeça, é como se ela fosse extra Rio, pairasse... E para nós era uma coisa assim... Vamos ocupar? Pra gente ocupar... essa cidade não tem a cultura de ocupar coletivamente. Havia tido umas duas ocupações antes de nós, ou três, uma delas foi tirada com polícia federal e muita estrutura repressora.

Na narrativa de Leila, a Cinelândia faz parte de sua história, uma história também de militância, como a de Lurdmila, embora, em diferentes áreas. E, para ela, a organização do Bloco, até mesmo na escolha de seu samba anual, possibilita continuar a militância e as discussões políticas na Cinelândia, que sempre foi palco de tais manifestações.

[A Cinelândia é a] minha história porque eu tenho cinquenta e seis anos, desde os dezesseis eu vivo na Cinelândia, e vivo por conta da militância estudantil, militância sindical, militância política e, com isso, esse é um beco onde a gente ainda consegue reunir grandes boêmios, políticos de todas as vertentes; com isso, a gente faz discussão política, social, cultural, e também se alegra, se diverte. Por exemplo: No dia 19 de janeiro, a gente tem a escolha do nosso samba; pra o próximo, a gente já tem um hino, feito seis anos atrás. Todo ano a gente faz uma escolha de um samba temático, de acordo com o que vem acontecendo na política da cidade. Então, a gente dá o tema, distribui o regulamento, e os nossos colegas, enfim, quem tem interesse, se inscreve e apresenta seu samba. Dia 19 de janeiro a gente tem a escolha do samba aqui, com mesa, com jurado, com prêmio, com tudo que tem direito.

Ao justificar a escolha permanente do Beco da Cirrose para abrigar os eventos promovidos pelo projeto do Bloco, Leila faz referência à diversidade da Cinelândia.

Sempre aqui no beco porque a gente acha que esse beco tem a cara da Cinelândia, dessa mistura, mistura de todas as raças, mistura de todas as culturas, de todas as vertentes sociais, então aqui é o nosso ponto de encontro, o nosso ponto de referência.

Torna-se importante notar que as narrativas expressam concordância com o lugar social ocupado pelos depoentes, em outras palavras, a Cinelândia é muitas, múltipla, com passado adentrando o presente e vice-versa, com festas populares – carnaval, blocos – convivendo com balé clássico, com políticos de terno ao lado de manifestantes gritando na rua.

Cabe ressaltar que outras tantas narrativas poderiam ser construídas a partir de outros entrevistados e de outros enfoques dados na pesquisa, como abordagem política, com foco na violência ou nas desigualdades sociais, por exemplo.

Considerações Finais

A cidade pensada para além de sua organização espacial, seus bairros, ruas, prédios e monumentos compõe-se também pelas produções políticas, econômicas, sociais e culturais, expressas por meio das trocas de socialidade estabelecidas, os desejos e crenças de seus cidadãos, construídos historicamente. A cidade é feita de matéria e de símbolo, e ambos lhe garantem múltiplas facetas.

A cidade é formada de encontros em territórios de socialidade pulsantes. Territórios resultantes da forma e da vida cotidiana que os anima, da diversidade e da convivência entre diferentes, tornando questionáveis qualquer ideia de homogeneidade.

Conclui-se, então, que a Cinelândia que se vê depende de onde se olha, de como se olha e para onde se olha. Para cada olhar uma Cinelândia diferente será apreendida. Não existe uma Cinelândia verdadeira; ela é tudo: lugar de passagem, de trabalho, de lazer, de abandono, de manifestação. É complexa, plural, híbrida e em constante construção e reconstrução, assim como os sujeitos que a animam. E seu sentido enquanto território de socialidade só é alcançado nas relações de troca que abriga. E são essas relações que dão sentido e significado próprio, colorido, múltiplo à Cinelândia.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

AMATUZZI, Mauro Martins. A subjetividade e sua pesquisa. **Memorandum**, 10, abr/2006, Belo Horizonte:UFMG; Ribeirão Preto: USP. p. 93-97.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

COSTA, M. de F. T. **A cerca jurídica da terra na produção capitalista da cidade.** 2005. 279 f. Dissertação (Mestrado em Direito da Cidade) – Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LEFBVRE, H. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, Lúcia. Marcas identitárias e configuração espacial da cidade brasileira contemporânea. **Rev. Infohabitar**, Ano V, n.o 249, Lisboa-Portugal, 2009.

LIMA, Evelyn F. W. **Arquitetura do espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia.** São Paulo: Zouk, 2005.

MÁXIMO, João. **Cinelândia: breve história de um sonho.** Rio de Janeiro Salamandra, 1997

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2009.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. **Cidade dos artistas: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1988.